
**AUTORIA E NEGRITUDE NO DISCURSO *RECORDAÇÕES DO
ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA, DE LIMA BARRETO***
**AUTHORSHIP AND BLACKNESS IN THE SPEECH *MEMORIES OF
THE CLERK ISAÍAS CAMINHA, BY LIMA BARRETO***

Ramon Silva Chaves

RESUMO

Escrever e publicar, em 1909, *Recordações do escrivão Isaías Caminha* não tornou Lima Barreto (1881-1822) um autor. A recepção da obra foi severa e Lima não foi, naquele momento, considerado um escritor de literatura. Neste artigo, por meio do repertório da Análise do discurso de tradição francesa, indicamos que a constituição do regime de autoria está vinculada à recepção de um discurso em determinada conjuntura sócio-histórica e cultural. Assim, a constituição do regime de autoralidade, como aponta Maingueneau (2010), está associada à constituição dos sujeitos de uma época. Isso colocado, o discurso *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, reconhecido como primeira publicação literária de Lima Barreto, não pode ser desassociado das condições raciais brasileiras do final do século XIX e início do século XX, pois, tanto no intrínseco, quanto no extrínseco, do discurso há a malha racista que edificou a sociedade brasileira, para todos os sujeitos negros brasileiros. Assim, ler o discurso de Lima Barreto, em certa medida, é ler a fina camada interdiscursiva que revestiu o regime autoral da obra e, simultaneamente, ler a condição dramática de existência da juventude negra no Brasil.
Palavras-chave: Discurso literário, autoria, negritude, Lima Barreto.

ABSTRACT

Writing and publishing, in 1909, *Recordações do escrivão Isaías Caminha* did not make Lima Barreto (1881-1822) an author. The reception of the work was severe and Lima was not, at that time, considered a literary writer. In this article, through the repertoire of Discourse Analysis of French tradition, we indicate that the constitution of the authorship regime is linked to the reception of a discourse in a given socio-historical and cultural situation. Thus, the constitution of the authorial regime, as Maingueneau (2010) points out, is associated with the constitution of the subjects of a time. That said, the speech *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, recognized as Lima Barreto's first literary publication, cannot be dissociated from Brazilian racial conditions at the end of the 19th century and beginning of the 20th century, since, both intrinsically and extrinsically, the speech there is the racist network that built Brazilian society, for all black Brazilian subjects. Thus, reading Lima Barreto's speech, to a certain extent, is reading the thin interdiscursive layer that covered the work's authorial regime and, simultaneously, reading the dramatic condition of existence of black youth in Brazil.

Keywords: Literary discourse, authorship, blackness, Lima Barreto.

Autor, autoria e autoralidade no discurso literário

O conceito de autor foi objeto de estudo de diversas áreas do conhecimento, tais como

a Teoria Literária, a Filosofia e a Linguística. A Literatura, por muito tempo, negou a necessidade de considerar o autor empírico na produção de sentidos de um discurso, mas o postulado de Bakhtin (2010) a respeito de um sujeito enunciativo trouxe um novo olhar sobre este ponto. Além disso, outros filósofos ofereceram à academia pesquisas sobre o conceito de autor. Foucault (1997), em seu texto *O que é um Autor?* condicionou a categoria autor a uma função exercida dentro e fora do discurso e pressupôs que o autor representa-se a si dentro de sua própria enunciação. Não obstante, a proposta de Barthes (2004) de que a condição do autor não teria espaço diante da condição de leitor, o pesquisador propõe refletir sobre o princípio de que o autor é um criador. Nesse sentido, o produto do objeto literário passa a ser pensado a partir dos efeitos de sentido possíveis nos inúmeros contatos que a Literatura tem com os leitores, deixando o pensamento advindo do século XVIII, quando a literatura ganha forte apelo editorial e mercadológico (Chartier, 2012). Notamos que as diversas posturas em relação à autoria, tanto da Literatura, quanto da Filosofia, se alteram, na medida em que se alocam em relação ao discurso.

A análise de Discurso de linha francesa (a partir de agora AD), por ser interdisciplinar, poderá nos oferecer subsídios necessários para considerarmos a dispersão das abordagens que observam o discurso literário no que tange à formalização do conceito de autor, conforme Maingueneau (2010). No percurso deste artigo, tratamos do conceito de autor e de imagem de autor nas perspectivas da AD, mais particularmente como proposto por Maingueneau. Para o estudioso, não há autor sem *imagem*, e essa emerge enunciativo-discursivamente do/no discurso, que é criado pelo autor, na medida em que enuncia seu discurso.

Por meio da constituição do arcabouço teórico-metodológico da AD percebe-se a imagem de autor como emergente do discurso literário. Essa emersão não se localiza nem no fora, nem no dentro enunciativo, mas na fronteira do discurso literário. Por outras palavras, a imagem de autor localiza-se está umbilicalmente ligada ao enunciativo, que encena um mundo possível por meio do texto literário, partilhado por sujeitos, em uma época e em um lugar reconhecíveis pelos co-enunciadores e leitores.

Aqui, consideramos a AD um repertório capaz de demonstrar como autoria está diretamente relacionada às condições materiais do discurso, isso denota os interesses marxistas e psicanalíticos da disciplina francesa que estavam na origem da disciplina, pois o discurso, objeto da AD, não pode ser desassociado de sua rede interdiscursiva, sua materialidade e seu contexto. Sendo assim, a AD parte do pressuposto de que o texto é a materialização do discurso, o qual opera em sua relação enunciativa uma série de eventos, que não são de ordem

estritamente linguística, pois leva em consideração outros territórios como a História, a Sociologia e a Psicologia. Não podemos entender discurso apenas como um evento linguístico organizado de acordo com a melhor opção lexical, porque os enunciados se organizam nas relações que operam nos lugares em que estão e entre os agentes que estão em contato durante a enunciação. Assim, pensar em discurso é pensar na relação humana, que é histórica, social e psicológica, para dizer o mínimo.

Por conseguinte, não se pode pensar na ideia de discurso, reduzindo-o apenas à materialização dos códigos linguísticos que constroem o texto, pois o discurso é a relação construída entre linguagem e sociedade. Pensar na ideia de discurso é pensar na ideia de relação. Fora da relação, fora da sociedade e, fora da sociedade, não há discurso.

O discurso é construído na sociedade, em um período, em uma circunstância, por uma autoridade concebida como autor (em sentido lato) que é o EU, porta-voz da enunciação, que se mantém fixo a uma concepção ideológica, ou como prefere Maingueneau (2008), por uma formação discursiva. Todas essas parcelas de construção do discurso são intrínsecas e simultâneas, acontecem na enunciação, no processo enunciativo de interação.

O discurso passa a ser, sob esse ponto de vista, uma marca histórica, que tem um conjunto finito de formações discursivas e constroem um Eu enunciador pertencente a um tempo. Portanto, não seria diferente com o discurso literário que é, também, um acontecimento social; um discurso que tem, segundo o arcabouço teórico-metodológico da AD, um desvelamento profundamente relacionado à época, lugar e relações autorais que os sujeitos componentes desse discurso mantiveram no ato de produção discursiva. Além disso, o discurso literário não é um discurso que pode ser percebido apenas como uma bolha que é preenchida por diversos gêneros do discurso que, de uma maneira simples, irão representar o mundo, mas uma manifestação da linguagem, capaz de estar diretamente relacionada com o mundo em que está, mesmo sem pertencer a ele, de fato. Essa dupla possibilidade – estar e não- estar- é condição do discurso literário e parte do que se pode considerar próprio dos discursos constituintes.

Uma análise da constituição dos discursos constituintes deve assim se ater a mostrar a articulação entre o interdiscursivo e o discursivo, a imbricação entre uma representação do mundo e uma atividade enunciativa. Esses discursos representam o mundo, mas suas enunciações são parte integrante do mundo que eles representam, elas são inseparáveis da maneira pela qual geram sua própria emergência, o acontecimento de fala que elas instituem. (MAINGUENEAU, 2008, p. 40)

Quando um discurso toma um potencial literário, quando uma carta, por exemplo, torna-se literária, ou seja, quando a forma predomina em detrimento à função? (Bourdieu 1996: 321). A questão feita pelo filósofo Bourdieu nos interessa, na medida em que reflete sobre como a literatura tem acesso aos leitores. Quando temos contato com uma obra da literatura, o contato se dá pelo reconhecimento do gênero do discurso que é encenado, como possibilidade e como necessidade dessa mesma enunciação (Maingueneau 2006). A literatura tem uma função geradora, e constitui-se como um discurso acima do discurso mostrado. Embora, no caso citado, exista uma carta aparentemente, existe um processo criado socialmente que a faz literária. A literatura tem, portanto, uma fundação anterior ao gênero enunciado.

A literatura é considerada um campo primeiro, pois outros discursos decorrem de sua constituição.

A pretensão desses discursos, assim chamados por nós de constituintes, é de não reconhecer outra autoridade além da sua própria, de não admitir quaisquer outros discursos acima deles. Isso não significa que as diversas outras zonas de produção verbal (a conversação, a imprensa, os documentos administrativos etc.) não exerçam sobre eles; bem ao contrário, existe uma interação constante entre discursos constituintes e não constituintes, assim como entre discursos constituintes e discursos constituintes. Mas faz parte da natureza dos discursos constituintes negar essa interação ou pretender submetê-la a seus princípios. (MAINGUENEAU, 2008b, p. 37)

Esses discursos autorizam a si mesmos, uma categoria que, embora aceite a existência de outros discursos, tenta submeter o —Outro! às próprias condições de produção. A visualização fica clara, se deixarmos o discurso constituinte da literatura, e partirmos, rapidamente, para a oposição lógica entre o discurso constituinte científico, e o discurso constituinte religioso: muito embora ambos se aceitem, nem um, nem o outro, poderá apropriar-se de princípios e procedimentos do outro, porque seria negar os próprios fundamentos.

Sendo assim, os discursos constituintes são auto e hétero constituintes, (Maingueneau 2000, 2008), Ou seja, eles se validam a si mesmos dentro do interdiscurso, não aceitando intervenção de outros discursos constituintes. Isso é possível pela associação de um lugar a um corpo de enunciadores consagrados e uma gestão na memória. Desse modo, o discurso constituinte submete toda manifestação enunciativa às próprias regras de imersão no interdiscurso. Não se pode construir uma tese, sendo ela própria do discurso constituinte científico, em forma de romance, pois isso não seria socialmente aceito, e sua representação morreria antes de construir qualquer tipo de relação.

Os discursos constituintes mobilizam o que se poderia chamar de *archeion* da produção verbal de uma sociedade. Esse termo grego, étimo do latino *archivum*, apresenta polissemia interessante para nossa perspectiva: ligado a *arché*, fonte, princípio, e a partir daí mandamento, poder, o *archeion* é a sede da autoridade, um palácio, por exemplo, um corpo de magistrados, mas também os arquivos públicos. (MAINGUENEAU, 2008a, p. 37)

A sociedade suporta espaços que podem ser facilmente reconhecidos como aglutinadores de gêneros do discurso; uma redação de jornal, por exemplo, irá aglutinar gêneros do discurso de sua esfera composicional, segundo Maingueneau (2008) e pode-se tratar de tipos de discurso relacionados a certos setores da atividade social. O discurso constituinte literário não existe em função dos tipos de discurso, contudo cria em sua enunciação representações dos tipos do discurso, simulando suas rotinas, construindo em sua enunciação práticas de um mundo possível. Esse aspecto do discurso constituinte literário nos permite considerar que esses territórios, os tipos de discurso, são aglutinadores de gêneros que estarão em sua esfera, e ainda que alguns gêneros sirvam a esses territórios de maneira recíproca, a esses espaços considera-se a definição de topismos enunciativo-discursivos. Contudo, quando tratamos do discurso literário, os espaços aglutinadores não podem ser "setores sociais", não até o momento, pelo menos. Isso significa dizer que o discurso literário não pertence a um setor, embora pertença à sociedade, estando, portanto, simultaneamente, dentro e fora dela por meio de sua enunciação.

Na confluência entre o dentro e o fora da enunciação literária está a condição paratópica. Essa condição é a possibilidade geradora e mantenedora do discurso literário. Desse espaço fronteiriço emerge uma imagem que liga a materialidade do discurso literário a uma realidade extrínseca ao texto. Ou seja, uma categoria que enquadra o discurso literário em uma possibilidade de existência em um lugar, em um espaço, em um registro, em meio às condições sócio-históricas de produção, em manifestações da linguagem, entre outros. É assim a categoria do autor (Maingueneau, 2010), que sustenta e é sustentada pela enunciação literária, cuja responsabilidade lhe pertence. O autor constrói discursivamente a cena da própria vida, sem pertencer à cena literária.

O autor é fruto da enunciação literária, pois a tradição dos estudos da crítica literária assim revela: não existe autor sem *opus*. Só podemos pensar em um autor, quando o associamos a uma imagem criadora a um *opus* de sua própria responsabilidade. Desta maneira, o autor é condição da sua própria criação. Existem autores que não estão relacionados a grandes *opus* literários; não são referência e, por isso, negados por alguns, negligenciados por outros, quem

sabe, esquecidos. Cabe pensar se a condição de autor nesses níveis inferiores não foi alcançada pela ausência do prestígio do *opus* literário, ou do próprio autor.

Quando pensamos em autor, também estamos pensando em discursos que suportam autorialidade, por outras palavras, quando estamos tratando do conceito de autor, também estamos tratando do conceito de gênero do discurso, pois se todo gênero do discurso possui algum enunciador, não são todos os gêneros que possuem um autor, (Maingueneau, 2010). Evidentemente, quando nos direcionamos a um autor de um bilhete e um autor de um discurso literário, estamos falando de autor em dimensões diferentes, mas, nas duas situações, estamos falando de sujeito com o foco na enunciação. Se considerarmos que todo enunciado só pode ser enunciado, pois já foi executado em ocasiões anteriores e que, por representarem sua presença na memória da coletividade, estaremos desconsiderando que são os sujeitos enunciadorees que representam a si mesmos, ora mais, ora menos, em enunciados novos capazes de dizer o novo de maneira nova.

O estudo do autor conflui com o estudo do sujeito, porque são os autores, para a AD, aqueles que representam a si no dentro e no fora da enunciação, aqueles cujos enunciados trazem marcas sociais, textuais e da memória da coletividade e que se consagram pela produção de gêneros são auto e hétero constituintes (Maingueneau 2010). Grosso modo, a noção de autor parece ora privilegiar a criação, ora a existência empírica. A perspectiva da AD, contudo, marca-se na indistinção e na confluência desses lugares do discurso literário. Por conseguinte, o trabalho da AD na investigação do autor, considera que o discurso que tem autorialidade é aquele que se registra por discursos que tenham unidades linguísticas, territoriais e formações discursivas marcadas interdiscursivamente.

Por isso, nota-se que a sagração de um autor não é concomitante à obra que ele criou; desta maneira, esse é um processo complexo de criação, pois em se tratando de discurso literário, em qual momento determinado o objeto se torna literatura? O autor de literatura assume uma posição complexa, porque a produção literária não é um campo que gera uma instituição comum, não há um ofício garantido na produção autoral; por exemplo, em que momento se processa a autoria? No ato de enunciação? Não poderíamos considerar isso como verdade, pois não é a enunciação literária, somente, que torna um discurso literário, mas o reconhecimento de um discurso como literário, por uma instituição que pode ser a academia, ou como um grupo que valide determinado discurso como literário. Assim

o campo literário e artístico atrai e acolhe agentes muito diferentes entre si por suas

propriedades e suas disposições, portanto, por suas ambições, e com frequência bastante providos de confiança e de segurança para recusar contentar-se com uma carreira de universitário ou de funcionário e para enfrentar os riscos dessa profissão que não é profissão. (BOURDIEU, 1996, p. 256)

A condição de ser autor nasce da relação lógica de *autor de*. A autoria se justifica por aquilo que ela produz: o *autor de* uma carta, *de* um panfleto, *de* um discurso. Sabemos, entretanto, que não são todos os gêneros do discurso que possuem as condições ideais para a autoria. Uma conversa tem em si muitos autores possíveis, e seu dinamismo tornaria pouco consistente algum estudo que tentasse desvelar desse gênero seu autor.

A literatura se manifesta, grosso modo, na esfera escrita. Dessa maneira, tem como ser cristalizada na memória da coletividade. Isso facilita a emergência de uma imagem de autor, mesmo sendo o Autor uma figura incontornável que tem relação direta com um tempo e com um espaço (Maingueneau 2010). O discurso que viaja no tempo tem maior chance de, um dia, validar-se como literário e fazer emergir de si, uma imagem de Autor.

Para podermos considerar que uma figura deixe de ser *autor de* para tornar-se Autor apenas, referência em um discurso literário que o desvela, um olhar torna-se essencial: a recepção que determinado produto do autor tem, pois como pensa Bourdieu (1996), *a obra de arte se valida socialmente e não pela predisposição de um autor em torná-la arte, e por isso, torna-se seu próprio autor*. Assim, para notarmos a figura potencial de autor em um discurso literário, é necessário notarmos a validade que o discurso atingiu na sociedade em que se circunscreve.

Dessa maneira, o autor precisa que outros, em especial figuras também validadas socialmente, dirijam-se a ele e a seu opus como de prestígio. O Autor de referência é aquele em que outros se dirigem a ele com admiração ou consternação, aquele cuja obra é mencionada como compacta o suficiente para ter uma fonte representante. Essa fonte representante se manifesta dentro e fora da enunciação, ou seja, tem uma validade socialmente e na mesma medida que essa imagem pode ser reconhecida no enunciado.

Essa última dimensão da ideia de autor, a que vimos chamando *Autor de referência* é trabalhada por Maingueneau (2010, 2011) como *Auctor*. Esse termo é utilizado para revelar autores, que se consagraram socialmente por uma produção literária, aos quais são atribuídas imagens de autor. O que nos parece interessante explorar.

Resta-nos, pois, dimensionar em que medida a posição que *auctor* é atingida por Lima Barreto, uma vez que seu processo de constituição autoral foi, também, um processo de

constituição sócio-política. Ao escrever *Recordações do escrivão Isaías Caminha* a recepção não tornou Lima *auctor*, foi, entretanto, a negociação política e social desse seu pleno pertencimento à sociedade que trouxe a ele a condição de intelectual e escritos do *opus*. Passemos a essa discussão.

Recordar *Recordações do escrivão Isaías Caminha*

O estudo da imagem de autor ancora o intrínseco e o extrínseco literário em um período sócio-histórico, às formações discursivas, sujeitos de uma contemporaneidade. Por outras palavras, a imagem de autor dá uma possibilidade de leitura da condição paratópica, pois fixa o discurso literário em um lugar, em um momento histórico, às formações discursivas que, na enunciação literária, são sombras do mundo empírico, por conseguinte, as marcas do próprio autor. O estudo do extrínseco, a partir da condição dada pela imagem de autor, em *Recordações do escrivão Isaías Caminhas* (daqui por diante *Recordações*), é também o estudo do intrínseco, pois no discurso literário, extrínseco e intrínseco são pares indissolúveis. Por isso, não podemos desvincular da imagem de autor do autor de *Recordações* os elementos da conjuntura racial brasileira que edificaram as bases socioeconômicas e os inúmeros dilemas, problemas e injustiças raciais brasileiras.

O contato entre europeus e africanos, desde o século XV, período de expansão marítima, até os dias atuais, trouxe grande miscigenação cultural, tornando o mundo multicultural. O europeu, mais bem aparelhado com a cultura bélica (Munanga, 1986), levou ao continente africano e, por conseguinte, às diásporas negras pelo mundo, uma corrosiva ideia de dominação econômica que, por diversos mecanismos, acabou por diminuir a identidade negra ontológica, epistemológica e teleologicamente construída (Munanga, 1986). Desse modo, tornou-se previsível que o negro, capturado de seu território para servir como escravo em favor do crescimento econômico europeu, fosse inserido ao discurso depreciativo, que os povos de pele branca criaram para justificar a colonização africana e, por meio disto, a cultura escravagista. O processo de miscigenação causado pelo contato entre europeus e africanos trouxe a chaga da segregação, preconceito e falta de acesso aos que legaram a pele azeitonada e o cabelo crespo. Emanando da imagem de autor, em *Recordações*, a denúncia em relação às manifestações de racismo oriundas das formações discursivas racialistas, que se cristalizaram como formações discursivas no período de produção de *Recordações*. Por isso, para melhor entendermos as unidades tópicas e não tópicas que constituem a cenografia de *Recordações*,

iniciaremos um percurso histórico, amparado por estudiosos diversos, incluindo Lima Barreto, a respeito da questão do negro e da literatura, no Brasil do final do século XIX e início do século XX.

Se, ainda hoje, presenciamos possíveis discussões a respeito de cor da pele, oriundas da exploração do continente africano, sem dúvida, a sociedade à qual pertencia Afonso Henriques de Lima Barreto não se manifestava menos hostil para um mulato como ele. Reconhecer em Isaías Caminha traços de grande semelhança com a história de vida de Lima Barreto não é equívoco: ambos mulatos e descontentes com as condições geradas pelo preconceito da cor, no período pós-escravocrata no Brasil. Podemos citar, ainda, a trajetória de ambos em redações de jornais, na finalização do período imperialista e de consagração da república. Tais fatos trouxeram ao discurso *Recordações* inúmeras críticas e longo período de ostracismo. Esse fato fez com que um crítico conhecido de Lima Barreto, desenrolasse tais aspectos a respeito de *Recordações*,

É pessoalíssimo e, o que é pior, sente-se demais que o é. [...] A sua amargura, legítima, sincera, respeitável, como todo nobre sentimento, ressumbra demais no seu livro, tendo-lhe faltado a arte de a esconder, quando talvez a arte o exija. E seria mais altivo não a mostrar tanto. (BOSI, 2002:292)

Filho de mãe parda agregada à família Pereira de Carvalho, Carlota Maria dos Anjos e de preto nascido escravo, João Henriques de Lima Barreto, Lima Barreto nasceu pardo. Sua inteligência acima da média deu a Lima Barreto o prognóstico de vida de doutor. Lima Barreto, na infância, alimentou o sonho de se formar em medicina. Teve sua formação básica nas áreas das humanidades, no Instituto Comercial da corte antiga e lá aprendeu francês.

Ainda na infância, começou a frequentar a casa dos Pereira de Carvalho, família à qual um de seus integrantes fora o socialmente reconhecido Manuel Feliciano Pereira de Carvalho, que é chamado Patriarca da Cirurgia Brasileira. A família Pereira de Carvalho tinha uma série de agregados negros e pardos, dos quais diziam serem filhos dos *varões* da família. Foi nesta casa que Lima Barreto, ainda na infância, conheceu quem viria a ser sua esposa e mãe de seus filhos, a senhora Amália Augusta, também parda, neta de africana.

Na juventude, Lima Barreto frequentou o instituto artístico, onde teve sua formação técnica em tipografia, tal e qual seu pai, João Henriques de Lima Barreto. Por ser tão bom no ofício, logo foi trabalhar na imprensa, na oficina do jornal O Comércio. O gênio forte e a confiança na própria competência fizeram com que Lima Barreto pedisse seu desligamento da Oficina de O Comércio por não ter conseguido ocupar o lugar de um chefe que falecera.

O futuro de doutor, projetado na infância por Lima Barreto, começa a ruir no contato diário com a condição de se reconhecer como mulato em um mundo composto por injustiças raciais. Recordações, discurso atribuído a Lima Barreto, é conhecido por ter um enredo semelhante à sua biografia relatada por estudo histórico e por notas escritas pelo próprio Lima Barreto. Por isso, *Recordações* é considerado um resgate autobiográfico de um trajeto de humilhação racial. Lima Barreto percebia o racismo à sua volta com indignação e posicionamento crítico, coisa que só poderia ser notado por alguém que, naquela época, tivesse consciência crítica a respeito do mundo que o cercava. O discurso *Recordações* foi associado pela Crítica Literária a um discurso de posicionamento político, que dava voz a Lima pela força enunciativa de Isaías Caminha.

Mandei as Recordações do Escrivão Isaías Caminha, um livro desigual, propositalmente malfeito, brutal por vezes, mas sincero sempre. Espero muito que ele escandalize e desagrade. Como contigo, eu terei grande desgosto que isso aconteça a outros amigos. Espero que esse primeiro movimento muito natural, seja seguido de um outro de reflexão em que vocês considerem bem que não foi só o escândalo, o egotismo e a charge que pus ali. (LIMA BARRETO *apud* BARBOSA, 2003, pp. 184-5)

O discurso *Recordações* está relacionado à decepção do homem pardo em um período de grande desprestígio da cor. O discurso em questão trata das condições emergentes dos homens negros, dentro ou fora dos discursos literários: jovens com expectativa de grande ascensão, mas que não atingiram os anseios da juventude por causa da opressão gerada pelo preconceito racial.

A relação de Lima Barreto com Isaías Caminha é notória. Entretanto, de qual pardo com inteligência acima da média e nas mesmas condições sociais e financeiras não seria? Nosso interesse aqui não é mostrar que *Recordações* seja um registro da vida de Lima Barreto, mas considerar aspectos no discurso, que representam, de maneira interdiscursiva, as condições sócio-históricas do homem negro, no Brasil, vivenciado por Lima Barreto e resgatar possíveis aspectos, materializados, no discurso, de maneira interdiscursiva, que corroboram com a construção de efeitos de sentido no ato enunciativo. Consideramos que esses elementos nos deem condições de perceber a emersão de uma imagem de autor, que rompeu não apenas preconceitos de cor, mas também estéticos, tornando-se, assim, referência e interesse da academia, uma vez que pode ser importante para a releitura do discurso *Recordações*, no âmbito dos estudos literários e daqueles voltados sobre o negro, no Brasil.

O auctor em *Recordações do escrívão Isaías Caminhas*

Recordações narra a trajetória de vida de Isaías Caminha, um jovem muito mais inteligente do que os outros de jovens de sua época, mas que sofreu, desde sua saída de casa, o preconceito gerado pela cor de sua pele. Filho de uma negra com um ex-eclesiástico, o jovem Isaías Caminha não sofre os males do preconceito em sua infância. Entretanto, o preconceito é desvelado, na obra, desde o princípio, pois a comparação entre a mãe e o pai que a personagem Isaías Caminha faz manifesta fortíssima tendência a considerar o branco superior ao negro. Podemos notar isso no seguinte excerto: "*O espetáculo de saber do meu pai, realçado pela ignorância de minha mãe e de outros parentes dela, surgiu aos meus olhos de criança, como um deslumbramento*". (LIMA BARRETO, 2010, p. 67)

Recordações, segundo análise de Bosi (2002), pode ser dividida em três partes. A primeira com o deslumbramento da infância causado pela inteligência acima da média, a segunda seria a raiva na juventude por não conseguir durante o percurso de sua carreira chegar, por direito, aos lugares que imagina e atribuir a essas barreiras ao preconceito causado pela cor, e, por último, a resignação meio cômica, meio dramática, na maturidade e a própria inclusão em um sistema social racista. Nossa amostra estará direcionada por esse olhar. Extraímos de *Recordações* recortes representativos dessas fases, a que Bosi considerou pertinente para entender a totalidade do discurso.

Recorte I

A tristeza, a compreensão e a desigualdade de nível mental do meu meio familiar agiram sobre mim de um modo curioso: deram-me anseios de inteligência. Meu pai, que era fortemente inteligente e ilustrado, em começo, na minha primeira infância, estimulou-me pela obscuridade de suas exortações. Eu não tinha ainda entrado para o colégio, quando uma vez me disse: Você sabe que nasceu quando Napoleão ganhou a Batalha de Marengo? Arregalei os olhos e perguntei: Quem era Napoleão? Um grande homem, um grande general... E não disse mais nada. Encostou-se à cadeira e continuou a ler o livro. Afastei-me sem entrar na significação de suas palavras; contudo, a entonação de voz, o gesto e o olhar ficaram-me eternamente. Um grande homem!...

O espetáculo de saber do meu pai, realçado pela ignorância de minha mãe e de outros parentes dela, surgiu aos meus olhos de criança, como um deslumbramento.

A enunciação de *Recordações* se constrói, desde o início, como uma lembrança. A existência de verbos no pretérito perfeito resgata o passado cronológico da vida de Isaías, criando na interação enunciativa o acesso pela cenografia de *recordações*. O resgate do passado opera, na enunciação, como um indício de como eram as condições sócio-históricas de produção da época em que viveu o autor de *Recordações*

Sendo assim, a importância da obra literária que se quer bela sem desprezar os atributos externos da perfeição de forma, de estilo, de correção gramatical, de ritmo vocabular, de jogo de equilíbrio das partes em vista de um fim, de obter unidade na variedade; uma tal importância, dizia eu, deve residir na exteriorização de um certo e determinado pensamento de interesse humano, que fale do problema angustiante do nosso destino em face do infinito e do Mistério que nos cerca, e aluda às questões de nossa conduta na vida. (BARRETO, 1998, p. 388)

O exterior ao discurso, para o autor de *Recordações* é de extrema importância, pois é nessa tensão que se aloca a beleza estética da literatura. Assim, a reprodução de uma cenografia de recordação, ultrapassa a enunciação de Isaías, mas incorpora a recordação típica de muitos jovens de mesmo destino por conta do preconceito de cor e que, na maturidade, repassam o passado. Como disse Lima Barreto, já maduro, em carta enviada a um colega escritor ainda jovem

O senhor está moço, muito e há de estranhar essa minha resolução mas, quando chegar à minha idade, depois de lutas e desgostos de toda ordem, dera como tenho razão. Aproveite, portanto, a sua mocidade e escreva livros como o que me deu a hora de ofertar, para não ser surpreendido aos quarenta anos, com o desânimo e a desesperança. (BARRETO, 1998, p. 288)

A voz que enuncia relembra duas principais figuras infantis; de um lado, o pai que o representa o saber dentro do núcleo familiar, o qual predestina o garoto a um destino próximo ao de Napoleão. De outro lado, a mãe que realça a inteligência do pai pela falta de ilustração e saber. O resgate da formação discursiva começa a ser acentuado neste ponto. A estrutura familiar que se apresenta no Recorte I é bifurcada e o principal pavimento dessa bifurcação é o que sabe o pai e o que sabe a mãe. Destarte, Munanga (1986) chamou de erotismo afetivo esse tipo de relação interracial. O processo de assimilação do homem negro do discurso do branco aconteceu, também, pelas relações sexuais e pelas eventuais proles geradas por estas relações. Esse tipo de relação tornou-se comum, sendo mais comum a relação do homem branco com a mulher negra, pois o contrário era considerado indevido pela consideração, preconceituosa, sobre as genitálias dos homens negros serem desproporcionais às genitálias de mulheres brancas.

Existe, ainda, uma questão em torno da dominação do estereótipo de homem branco como dominador. O seio familiar, em *Recordações*, tem um dominador que é apontado pela figura paterna que, nos olhos da criança, relembra o adulto que enuncia e revela-se como um deslumbramento. Registra-se aí um modelo social, cuja simbiose se constitui dentro e fora da enunciação de *Recordações*. Para facilitar nossa análise colocaremos letras, entre parênteses, para segmentar os recortes.

Recorte II

(a) O trem parara e eu abstinha-me de saltar. Uma vez, porém, o fiz; não sei mesmo em que estação. Tive fome e dirigi-me ao pequeno balcão onde havia café e bolos. Encontravam-se lá muitos passageiros. Servi-me e dei uma pequena nota a pagar. Como se demorassem em trazer-me o troco reclamei: "Oh! fez o caixeiro indignado e em tom desabrido. Que pressa tem você?! Aqui não se rouba, fique sabendo!" Ao mesmo tempo, a meu lado, um rapazola

alourado reclamava o dele, que lhe foi prazenteiramente entregue. (b) O contraste feriu-me, e com os olhares que os presentes me lançaram, mais cresceu a minha indignação. (c) Curti, durante segundos, uma raiva muda, e por pouco ela não rebentou em pranto. Trôpego e tonto, embarquei e tentei decifrar a razão da diferença dos dois tratamentos. Não atinei; em vão passei em revista a minha roupa e a minha pessoa. Os meus dezenove anos eram sadios e poupados, e o meu corpo regularmente talhado. Tinha os ombros largos e os membros ágeis e elásticos. As minhas mãos fidalgas, com dedos afilados e esguios, eram herança de minha mãe, que as tinha tão valentemente bonitas que se mantiveram assim, apesar do trabalho manual a que a sua condição, a obrigava. Mesmo de rosto, se bem que os meus traços não fossem extraordinariamente regulares, eu não era hediondo nem repugnante. Tinha-o perfeitamente oval, e a tez de cor pronunciadamente azeitonada.

(d) Além de tudo, eu sentia que a minha fisionomia era animada pelos meus olhos castanhos, que brilhavam doces e ternos nas arcadas superciliares profundas, traço de sagacidade que herdei de meu pai. Demais, a emanção da minha pessoa. os desprendimentos da minha alma, deviam ser de mansuetude, de timidez e bondade... Por que seria então, meu Deus?

Na cena mostrada, no intrínseco enunciativo, há um jogo direto com o extrínseco, e é nesse jogo de dentro e fora que podemos notar as unidades não tópicas que estão reveladas apenas na dimensão das condições sócio-históricas de produção do discurso *Recordações*. O tópico enunciativo mantém-se nas referências ao passado, na recordação de um jovem, agora, saído de sua casa, uma espécie de proteção, e irá desbravar o mundo em busca de crescimento socioeconômico. Essa condição é construída no dentro da enunciação pelo autor como uma sombra da própria condição de vida. Podemos notar uma quebra de expectativa em relação às partes segmentadas no Recorte II. Em II (a), a cena mostra um jovem que não passa por nenhum problema, observa o mundo com a novidade natural a um jovem que sai de casa, sem grande tribulação; contudo, essa calma inicial é abruptamente quebrada pelo acontecimento final do segmento, em que um rapaz branco é tratado com preferência.

No segmento II (b), Isaías sofre uma forte amargura, que é mantida e revelada em todo o Recorte II. No entanto, podemos perceber que essa amargura não é fruto de uma angústia, omitida pelo autor, e investigada por Isaías. Essa investigação pode ser notada na comparação física do branco e do negro que existe entre os segmentos II (c) e II (d). O branco e o negro são comparados sem, contudo, apresentar uma denúncia marcada linguisticamente, a diferença no tratamento dado a brancos e negros que Isaías não percebe e que está relacionada às condições que estavam representadas no discurso *Recordações* e no contexto do auctor.

Além de alienar o negro de sua própria história, apregoando seu caráter passivo e desinteressado, o movimento abolicionista visava a infundir uma imagem invertida do mundo dos negros, para que eles tomassem como parâmetro a conduta dos homens brancos, não se opondo à forma de integração que lhes era oferecida. (SANTOS, 2002, p. 120)

A cena é a mesma dos negros do final do século XIX e início do século XX, por outras palavras, é o retrato de um mundo possível, que é observado pela emersão de uma imagem de autor que sustenta o discurso, na mesma medida em que é sustentado por ele. O caráter paratópico do discurso literário, evidenciado pela imagem de autor, que se sombreia, na cenografia, é tratado por Bosi como documental

Chegando no Rio de Janeiro e antes de entrar na rotina do jornal, Isaías Caminha toma o choque do conhecimento do Brasil formal, em suas tragicômicas discrepâncias com o Brasil real. O valor documental dessas páginas de espanto é alto, e o fato de instituições visadas, o Exército, a Câmara dos deputados e a delegacia de polícia, serem descritas por um interiorano que as vê pela primeira vez produz duplo efeito de estranhamento e passagem a mais uma etapa da maturação do narrador. A ingenuidade e o desaponto do jovem Isaías têm algo a ver com o brasileiro

recrudescente naqueles anos em que se refundava a não a partir das expectativas despertadas pelo fim do trabalho escravo e a proclamação do novo regime. (BOSI, 2012, p. 193)

Recorte III

(a) Perguntei então a mim mesmo por que não casara aquela rapariga, por que não vivera dentro dos costumes tidos por bons. Não achei resposta, mas julguei-me, não sei por quê, um pouco culpado pela sua desgraça.

(b) O carro chegou e eu saltei para ajudar Leda a apoiar-se. Paguei ao cocheiro e, na calçada, e a perguntou-me:

— Não entras?

— Não, obrigado.

Insistiu várias vezes, mas recusei. Vim vagamente a pé até ao Largo da Carioca, sem seguir um pensamento. Vinha triste e com a inteligência funcionando para todos os fados. (c) Sentia-me sempre desgostoso por não ter tirado de mim nada de grande, de forte e ter consentido em ser um vulgar assecla e apaniguado de um outro qualquer. Tinha outros desgostos, mas esse era o principal. Por que o tinha sido? Um pouco devido aos outros e um pouco devido a mim. Encontrei Loberant:

— Então? perguntou maliciosamente.

— Deixei-a em casa.

— Pois se eu me tinha separado de vocês de propósito... Tolo! Vamos tomar cerveja... (d) Antes de entrar, olhei ainda o céu muito negro, muito estrelado, esquecido de que a nossa humanidade já não sabe ler nos astros os destinos e os acontecimentos. As cogitações não me passaram... Loberant, sorrindo e olhando-me com complacência, ainda repetiu:

— Tolo!

No recorte III, final de *Recordações*, Isaías reflete sobre as condições da própria vida, de maneira geral. Sente-se incomodado por não ter atingido o desejo de infância de ser doutor. E embora responsabilize os outros, notamos no segmento (c), que também se responsabiliza a si mesmo. De maneira desconfortável, percebe-se como incorporador das formações discursivas da época e retoma o fato de que, aos poucos, foi simplesmente aceitando os lugares e papéis sociais aos quais os pretos e pardos, como ele foi, estavam condicionados, de acordo com as condições sócio-históricas do Brasil no final do século XIX e início do século XX.

Emerge, destes recortes, uma imagem de autor que invariavelmente constrói cenas sobre o homem negro. As práticas cotidianas vividas, descritas e narradas revelam um submundo enunciativo, que só pode ser notado com base em reflexões nos campos da Linguística, da História, da Filosofia e da Crítica Literária. Assim, a cena, ponto de partida para essa análise, é a categoria que liga a paratopia literária, porque nos dá condição de perceber no

intrínseco o extrínseco e que, ainda, nos possibilita enxergar uma imagem de autor, que nos apresenta, a partir de um processo interdisciplinar, as condições sócio-históricas daquela contemporaneidade, marcada por práticas de racismo, permitidas apenas, na clandestinidade, que essa pesquisa, observando a imagem de autor de *Recordações* se preocupou em examinar.

Considerações finais

Para o empreendimento de estudar a imagem de Autor em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, de Lima Barreto, optamos pelo arcabouço teórico-metodológico da Análise de Discurso, direcionada por Dominique Maingueneau, porque acreditamos ser pela interdiscursividade, princípio de discursividade, que se encontra a resposta sólida o suficiente, para responder às questões geradas em nosso projeto de pesquisa, proposto há dois anos: a imagem de autor emergente no discurso literário pode colaborar com uma leitura e com a percepção de efeitos de sentido na enunciação literária, e, ainda, como em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, o diálogo interdisciplinar pode contribuir com a percepção das unidades não tópicas, marcadas de maneira clandestina nos discursos.

Desta maneira, foi-nos necessário resgatar as condições sócio-históricas de produção do discurso literário *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Isso inclui o resgate do próprio autor enunciador, pois é a imagem de autor uma condição de produção do discurso de nosso interesse. Este artigo envolve o repertório da História, Sociologia, Filosofia e Crítica Literária para o intento de articular as condições de produção ao discurso.

O ambiente delineado nas condições sócio-históricas de produção de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* era também o ambiente do autor deste discurso, que, como o sujeito sofreu, literalmente, na própria pele, o racismo que resiste no submundo da literatura e incrustados nas variadas relações sociais, até hoje.

Por fim, acreditamos que a imagem de autor aparente em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, mais do que o autor que logra prestígio por uma obra, representa aquele que, emergindo no espaço literário e da vida, tem autonomia política, social, cultural. Assim, consideramos que a imagem de autor em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* se torna o canal interdiscursivo entre a literatura e a denúncia de, pelo menos, quatro séculos de exploração e exclusão, por isso, é fonte de produção acadêmica, importante aspecto de discussão social e via de leitura e, no mais, indispensável ponto de crescimento humano.

Referências

- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARBOSA, F. de Assis. **A vida de Lima Barreto**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2002.
- BARRETO, L. **Recordações do Escrivão Isaias Caminha**, São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- BARTHES, R. *A morte do autor*. In: **O Rumor da Língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BOSI, A. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. **Literatura e Resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- FERNANDES, F. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes**. 3a ed. São Paulo: Ática, 1978.
- FOUCAULT, M. **What's is an author?** New York: Cornell University Press, 1977. pp. 124-127. MAINGUENEAU, D. **Termos Chave em Análise de Discurso**, trad. Márcio Barbosa, Maria Torres Lima, Belo Horizonte, Biblioteca Universitária EFMG, 1998.
- _____. **O Discurso Literário**. Trad. Adail Sobral, São Paulo: Contexto, 2006.
- _____. *A Análise do discurso e Suas Fronteiras*, **Matraga**. Rio de Janeiro, v.14, n.20, p.13-p.37, jan./jun.2007
- _____. **Cenas da Enunciação**. Trad. Sírio Possenti, Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva. São Paulo: Parábola, 2008a.
- _____. **Gênese dos Discursos**. Trad. Sírio Possenti, São Paulo: Parábola, 2008b.
- _____. **Doze Conceitos em Análise de Discurso**. (org.) Sírio Possenti, Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva, Trad. Adail Sobral, São Paulo: Parábola, 2010.
- NASCIMENTO, J. V. *Racismo, ações afirmativas e os desafios da promoção da igualdade*. In OTTAVIANI, E, e TÓTORA (Orgs.) **A Educação e extensão universitária, Foco Vestibular: um experimento da diferença**. São Paulo: Paulinas: EDUC, 2010.
- OAKLEY, R.J. **Lima Barreto e o Destino da Literatura**. São Paulo: UNESP, 2011.
- PAVEAU, M & SARFATI G. **As Grandes Teorias da Linguística: da gramática comparada à pragmática**. Trad. Maria do Rosário Gregolin, Vanice Oliveira Sargentini, Cleudemar Alves Fernandes, São Carlos : Claraluz, 2006.
- PINTO, L. **O negro no Rio de Janeiro: relações de raças numa sociedade em mudança**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.
- PROENÇA F, D. **A trajetória do negro na literatura brasileira**. Vol.18 no.50 São Paulo Jan./Apr. 2004.
- RESENDE, B. **Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos**. Rio de Janeiro: UFRJ/ UNICAMP, 1993.
- SANTOS, G. **A invenção do ser negro: um percurso das ideias que naturalizaram a inferioridade dos negros**. São Paulo: Educ/ Fapesp, 2002.

SEVCENKO N. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural da primeira república.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

VERBUM – CADERNOS DE PÓS GRADUAÇÃO – ISSN 2316-3267